

## Editorial [PT]

por **Luís Gabriel Provinciatto**

*luis.provinciatto@puc-campinas.edu.br*

DOI: 10.12957/ek.2022.67503

*Toda linguagem é um alfabeto de símbolos  
cujo exercício pressupõe um passado que  
os interlocutores compartilham;  
como transmitir aos outros o infinito Aleph,  
que minha temerosa memória mal abarca?*  
(Jorge Luis Borges, *O Aleph*)

O que a epígrafe acima propõe pode muito bem ser utilizado para enunciar aquilo que é, talvez, uma das tarefas mais difíceis da vida acadêmica: como transmitir aos outros o *Aleph* que encontramos? Sem dúvida, já compartilhamos um idioma, as regras formais da língua, suas expressões regionais, seus sotaques, etc.; também leituras de determinados autores e de seus textos, que, nalgumas vezes, já foram lidos e relidos; ainda há ocasiões em que compartilhamos temas, mas com abordagens distintas, com diferentes fundamentações teóricas e objetivos diversos. Mas isso ainda não responde à pergunta: como compartilhar o *infinito Aleph*, se é que já o encontramos? Pois bem, arrisquemos uma resposta: por meio da escritura de um texto. No caso específico do meio acadêmico, isso pode ser apresentado sob a forma de um artigo.

Podemos – queremos – imaginar, então, que os artigos que compõem a primeira edição de 2022 da *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia* são formas de dizer esse encontro com o infinito Aleph, que a memória mal abarca, mas que fazemos questão de registrar, de uma forma ou outra. De maneira propriamente dita, esta edição, de temática livre, é composta por quatorze artigos e duas traduções, que apresentamos a seguir.

Temos a honra de abrir esta edição com o artigo *Teoria e política: Derrida vs. Sartre*, do professor Miroslav Milovic, falecido em fevereiro de 2021 em decorrência de complicações da Covid-19. Sua proposta neste texto inédito, a nós disponibilizado por sua esposa, Rose Milovic, é trabalhar o problema da diferença ontológica a partir de uma

dupla perspectiva: a da fenomenologia e a da desconstrução. Externamos a ela nossos agradecimentos e os esforços para não permitir que o pensamento do Miro, como carinhosamente era por nós conhecido, se perda.

Em *O Cordel filosófico de Raimundo: Farias Brito, a Filosofia do Espírito e a Índia*, a proposta de Dilip Loundo, do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, parte da filosofia de Raimundo Farias Brito (1862-1917), filósofo brasileiro, com vistas a mostrar como ele desenvolve uma filosofia original desde a América Latina e, para tanto, Loundo faz um duplo exercício comparativo: em primeiro lugar, da proposta filosófica de Farias Brito com as principais correntes filosóficas europeias dos séc. XIX e XX – o existencialismo, a fenomenologia e a hermenêutica; e, em segundo lugar, entre a “filosofia do espírito” de Farias Brito com a filosofia dos Upanishads e do Budismo, próprias da Índia.

Cristine Monteiro Mattar, em *Psicologia e Daseinanalyse: o cuidado em atmosfera filosófica*, ajuda a pensar a clínica psicológica a partir do referencial fenomenológico de Martin Heidegger, mais especificadamente, da analítica existencial empreendida em *Ser e tempo* e das considerações do próprio filósofo alemão a respeito da *Daseinanalyse* presentes em *Seminários de Zollikon*, no nono seminário, de maneira propriamente dita, onde são percebidas críticas a Ludwig Binswanger e à sua maneira de conduzir a análise existencial.

À sequência, outros quatro artigos se mantêm no referencial heideggeriano: 1) o de Geder Paulo Friedrich Cominetti, que, em *A noção de cuidado em Ser e Tempo*, aborda a vinculação entre “cuidado” e “ser-no-mundo”, trabalhando, inclusive, a co-originariedade ontológica entre afetividade, compreensão e fala; 2) o de Mateus Aragão da Cunha, *Angústia e transcendência no problema do sentido do ser, para Martin Heidegger*, que lê a proposta heideggeriana a respeito da angústia a par da de Kierkegaard, em sua obra *O conceito de angústia*, com vistas a indicar as “negações” e “apropriações” do filósofo alemão em relação ao dinamarquês; 3) o de Gabriel de Almeida Barros, que, em *O pensamento de Heidegger como abertura para uma ecofenomenologia*, se propõe a pensar a natureza não como objeto, mas a partir de uma relação intrínseca com o ser humano, logo, fazendo uma contraposição entre a concepção de natureza na era da técnica e a φύσις grega; 4) o de Júlia Garcia Tronco, *Intencionalidade social e abertura de mundo: ser-com como campo fenomênico na*

*análise da abertura de mundo em Ser e Tempo*, cuja intenção é ler a proposta de Heidegger entre os §§28-38 de *Ser e tempo* partindo daquilo que a autora chama de “níveis estratificados” da abertura de mundo – comportamentos práticos, pré-temáticos e pré-predicativos – e chegando àquilo que ela denomina de “níveis intencionais” – estrutura proposicional, predicativa e temática –, o que, de acordo com o objetivo do artigo, ajuda a pensar uma “intencionalidade social”, assentada no ser-com do ser-aí.

Em *Husserl e a descoberta da Terra: prolegômenos para uma arqueologia do sentido*, Gabriel Lago de Sousa Barroso propõe uma análise do conceito de Terra (*Erde*) e de sua função transcendental na constituição de uma espacialidade e de uma temporalidade no pensamento de Edmund Husserl, o que, consequentemente, leva-o a pensar a concepção de Território (*Territorium*), que, conjuntamente com a concepção de Terra, se apresenta como horizonte da experiência possível.

Posteriormente, Rúbia Campos Guimarães Cruz propõe apresentar, em seu artigo *A hermenêutica no pensamento de Filipe Melanchton*, algumas contribuições do reformador luterano para o campo da hermenêutica, algo ainda pouco estudado em idioma português. Isso somado ao propósito de também contribuir na construção de uma adequada chave hermenêutica para a obra *Loci Theologici*, de Melanchton.

Fernando Fontoura, em *Oikeiōsis e a justiça social*, levanta a pergunta de como é possível uma “justiça social” em um mundo onde o indivíduo se põe acima (ou além) de qualquer questão/problema social mais ampla. Para responder tal problema, o autor retorna ao termo οἰκείωσις (*oikeiōsis*), utilizando pela Escola Estoica, sobretudo, por Híerocles, no séc. I da era comum. No fundo, a proposta do autor leva a cabo um exercício hermenêutico que revisita uma fonte filosófica e a atualiza a partir de uma reivindicação contemporânea.

O artigo de Sâmara Araújo Costa, *Fenomenologia e filosofia analítica: o encontro de G. Ryle e M. Merleau-Ponty*, relata um encontro entre Gilbert Ryle (1900-1976) – reconhecido autor da filosofia analítica e leitor de Ludwig Wittgenstein – e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), pertencente à escola fenomenológica de tradição francesa, com vistas a indicar semelhanças e diferenças entre ambas as escolas filosóficas no tocante, sobretudo, à concepção de linguagem, trabalhada por um e outro filósofo.

*A duração e o nada: para uma meontologia do tempo em Bachelard à luz do bergsonismo*, de Fernando da Silva Machado, trabalha o diálogo existente entre dois

autores, Gaston Bachelard (1884-1962) e Henri Bergson (1859-1941), a respeito de um tema comum: o tempo. Mais especificamente, o articulista lê tal tema nos desdobramentos apresentados tanto por Bachelard quanto por Bergson a respeito do “nada” e da “duração”, o que lhe possibilita analisar como que uma “alternância fenomenológico-temporal do ser e do nada” permite uma releitura da intuição e do conhecimento do tempo.

O penúltimo artigo desta edição é assinado por Vitor Hugo dos Reis Costa: *Presentismo e paradoxos terminais da expectativa e da experiência: contribuições para a hermenêutica da consciência histórica em um novo tempo do mundo*. Assumindo a obra *Tempo e Narrativa*, de Paul Ricoeur, como principal referencial teórico, Costa pretende mostrar como o conceito de “paradoxos terminais dos tempos modernos”, do romancista Milan Kundera, pode contribuir para uma hermenêutica da consciência histórica, o que, de acordo com o articulista, torna a proposta conceitual do romancista próxima e distante concomitantemente da do filósofo francês.

Intitulado *La antropología fenomenológica de Gabriel Marcel. Una filosofía concreta*, o artigo de Lucero González Suárez não traz somente algumas contribuições de Gabriel Marcel para se pensar uma antropologia fenomenológica. O articulista propõe, na verdade, uma reflexão da condição e da situação nas quais se encontra o ser humano, chegando à apresentação de algumas implicações éticas provenientes desse específico modo de interpretar o ser do ser humano.

Esta edição ainda é composta por duas traduções, ambas inéditas em idioma português.

Em primeiro lugar, apresentamos o texto *A reversão da doutrina copernicana. A arca-originária Terra não se move*, de Edmund Husserl, traduzido do alemão por Gabriel Lago de Sousa Barroso. O texto de Husserl, agora disponibilizado em português, foi publicado originalmente na coletânea organizada por Marin Farber, *Philosophical Essays in memory of Edmund Husserl*, 1940, sob o título *Grundlegende Untersuchungen zum phänomenologische Ursprung der Räumlichkeit der Natur*.

Posteriormente, apresentamos o texto *O esquema conteúdo-apreensão no pensamento de Husserl: origem, consequências, superação*, de Vittorio de Palma, traduzido do alemão por Daniel Peluso Guilhermino. O texto de Palma, agora disponibilizado em português, foi publicado originalmente em 2009 no periódico *Tópos: Journal for philosophy and cultural studies*, v. 22, n. 2-3, editada em homenagem aos 150

de nascimento de Husserl, com o título *Das Schema Inhalt-Auffassung in Husserls Denken: Ursprung, Konsequenzen, Überwindung*.

Agradecemos, por fim, a toda a gente que voluntariamente se dispôs a contribuir com este número da *Ekstasis*, seja enviando um trabalho, seja no processo avaliativo com a emissão de pareceres, seja no processo editorial com a correção e formatação dos textos.

Reiteramos também o convite àqueles e àquelas que, nalgum momento de sua trajetória, encontraram ou ainda encontrarão o seu *Aleph* a nos enviarem a sua contribuição em forma de artigo. Além disso, a *Ekstasis* acolhe recensões de obras filosóficas publicadas recentemente e que muito têm a contribuir para a disseminação da filosofia nas Universidades brasileiras.

Bons encontros e boas leituras a toda a gente!